

"FICAMOS SEM RUMO" – A EXPERIÊNCIA ESCOLAR DE ALUNOS ADOLESCENTES NA PANDEMIA

"WE LOST OUR WAY"—THE SCHOOL EXPERIENCE OF TEENAGE STUDENTS DURING THE PANDEMIC

"ESTUVIMOS SIN RUMBO": LA EXPERIENCIA ESCOLAR DE ALUMNOS ADOLESCENTES DURANTE LA PANDEMIA

*Marcos Venancio Mendes**

*Monica Maria Farid Rahme***

*Libéria Rodrigues Neves****

RESUMO

Este artigo aborda a relação do sujeito adolescente com o espaço escolar, a partir de pesquisa de orientação psicanalítica realizada no contexto do distanciamento social imposto pela pandemia da covid-19. O trabalho teve como objetivo verificar como os sujeitos da pesquisa lidaram com o processo do adolecer e suas implicações reverberadas pela pandemia, partindo, para tanto, de seus próprios discursos, obtidos a partir de encontros virtuais viabilizados por meio de um aplicativo de videochamadas. Os dados demonstram o quanto a falta do espaço físico da escola foi sentida por esses sujeitos e como a escola é por eles significada como um lugar permeado de possibilidades de reinvenção de si mesmos. O trabalho verificou, ainda, a não adaptabilidade desses jovens ao Ensino Remoto Emergencial, bem como a necessidade de circulação da palavra e da escuta dos sujeitos como movimentos que a escola deveria se apropriar e sobre os quais a Psicanálise pode contribuir.

Palavras-chave: adolescência; educação; pandemia; psicanálise.

*Mestre em Educação pela Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Educação. Belo Horizonte, MG, Brasil. Marcosmendes.psi@hotmail.com – Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7153446701274584>

**Professora adjunta da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, MG, Brasil. monicarahme@ufmg.br – ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2123-2989>

***Professora adjunta da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais, Departamento de Ciências Aplicadas à Educação. Docente do Mestrado Profissional PROMESTRE. Belo Horizonte, MG, Brasil. liberianeves@gmail.com - ORCID: <http://orcid.org/0000-0001-6181-1710>

ABSTRACT

This paper addresses the teenage subject's relationship with the school space stemming from psychoanalytic research carried out in the context of social distancing inflicted by the covid-19 pandemic. This work aimed to verify how the research subjects dealt with the process of reaching adolescence and its implications reverberated by the pandemic, based, therefore, on their own speeches, assembled through virtual meetings on a video calling application. The data demonstrate how much the lack of physical space at the school was felt by these subjects and how the school is perceived by them as a place permeated with possibilities for reinventing themselves. The study also evinced the non-adaptability of these teenagers to emergency remote education, as well as the subjects' need for circulation of the word and hearing back from others, as movements that the school should take over and to which psychoanalysis can contribute.

Keywords: adolescence, education, pandemic, psychoanalysis.

RESUMEN

Este artículo trata de la relación del sujeto adolescente con el espacio escolar, a partir de una investigación de orientación psicoanalítica realizada en el contexto del distanciamiento social impuesto por la pandemia de covid-19. El objetivo del trabajo fue verificar cómo los sujetos de investigación abordaron el proceso de la adolescencia y sus implicaciones repercutidas por la pandemia, a partir de sus propios discursos, obtenidos a través de encuentros virtuales posibles gracias a una aplicación de videollamadas. Los datos demuestran hasta qué punto la falta de espacio físico en la escuela fue sentida por estos sujetos y cómo la escuela es percibida por ellos como un lugar permeado de posibilidades de reinventarse. El trabajo también constató la inadaptación de estos jóvenes a la Educación Remota de Emergencia, así como la necesidad de hacer circular la palabra y escuchar a los sujetos como movimientos que la escuela debería apropiarse y a los que el Psicoanálisis puede contribuir.

Palabras clave: adolescencia; educación; pandemia; psicoanálisis.

1 INTRODUÇÃO

Diante do ineditismo do fechamento dos estabelecimentos e demais espaços de aglomeração de pessoas em decorrência da pandemia da covid-19, em 2020, as escolas se depararam com o desafio de

criar meios para garantir a continuidade das atividades educacionais. Nesse contexto, o Ensino Remoto Emergencial caracterizou-se como uma das estratégias utilizadas para esse fim e, como expõe Vieira *et al.* (2020, p. 2): "[...] [n]este cenário, os alunos, até então adaptados e acostumados ao ensino presencial, passaram a conviver com um duplo desafio: a necessidade de isolamento e o aprendizado baseado em atividades remotas, que ensejam maior autonomia."

Todavia, em Nota técnica elaborada pela organização da sociedade civil, *Todos pela Educação* (2020), os autores ressaltaram que, apesar do ensino remoto assumir um papel fundamental para minimizar os efeitos do fechamento das escolas naquele contexto, ainda assim, possuía uma série de limitações e não conseguiria substituir a vivência presencial do aluno na escola. Além disso, segundo a Nota, era imprescindível averiguar e avaliar quais recursos tecnológicos seriam mais acessíveis aos alunos das diversas realidades sociais brasileiras para evitar o reforço de possíveis situações de vulnerabilidades e desigualdades escolares.

Além disso, de acordo com Lima *et al.* (2022), por mais que o ensino remoto tenha se popularizado nos tempos da pandemia da covid-19, colocando-se como alternativa aos impactos causados pela suspensão das aulas, mediando a relação professor-aluno e o processo de ensino-aprendizagem por meio das tecnologias digitais de comunicação e informação (TDIC) diante da impossibilidade do encontro presencial, negligenciou a diversidade de realidades educacionais, sociais e econômicas tanto das escolas quanto da vida cotidiana dos estudantes.

Tal cenário nos desafiou a pensar a educação escolar sem o espaço físico da escola, tradicionalmente utilizado para a sua efetivação e que, até certo ponto, era comum a todos. A escola, enquanto instituição social, cumpre muitas funções na vida dos alunos que a frequentam diariamente, sendo, para muitos, um local que conserva vários significados, que vão além da aprendizagem formal, constituindo-se, desse modo, como um dos mais importantes espaços de socialização, de convivência, de humanização, de pertencimento, de acesso a direitos básicos e, no caso de alunos adolescentes, como um lugar que os auxilia em uma orientação de caminhos durante a sua travessia pelo tempo da adolescência (Lesourd, 2004).

O advento da pandemia desnudou muitos aspectos que,

anteriormente, encontravam-se encobertos, mas que ganharam notoriedade no cenário social, expondo, segundo Palú (2020, p. 91), um “[...] cenário de graves problemas sociais que a antecedem e que a partir dela são agravados. Esses atingem principalmente as minorias, as populações menos assistidas pelo Estado neoliberal.” Nesse contexto, a pandemia reforçou, mais ainda, as vulnerabilidades sociais e as barreiras físicas, econômicas e socioculturais presentes entre vários países, dentre eles o Brasil, evidenciando o alto índice de pobreza, discriminação e desigualdade social, tornando os sujeitos e os grupos que vivenciam essas realidades mais fragilizados e vulneráveis. Em outras palavras “no que tange à Educação, o desencadeamento da pandemia desnudou exclusões existentes e/ou ocultas que se consolidaram e ampliaram com as medidas sanitárias de prevenção à covid-19” (Melo, 2021, p. 81).

Ademais, é preciso ressaltar o descaso do governo federal durante a pandemia em relação às medidas sanitárias, no âmbito econômico, da saúde e da educação, o que causou inúmeras implicações nos direitos das crianças e dos adolescentes, como descreve o *Dossiê Infâncias e covid-19: os impactos da Gestão da pandemia sobre crianças e adolescentes*, elaborado pelo Instituto Alana e pelo Centro de Estudos e Pesquisas de Direito Sanitário - CEPEDISA (2022). Segundo o Dossiê, no que tange à Educação, o fechamento das escolas compromete o aprendizado de milhares de alunos e causa um retrocesso de mais de 20 anos no que se refere ao acesso de crianças e adolescentes à educação, já que, em novembro de 2020, mais de 5 milhões de alunos, na faixa etária de 6 a 17 anos, não participavam dos processos de escolarização.

Em Minas Gerais, por exemplo, o ensino remoto nomeado como Regime Especial de Atividades Não Presenciais (REANP), estabelecido por meio da Resolução nº 4.310/2020 da Secretaria de Estado de Educação (SEE), consistia na adoção de uma série de ferramentas e procedimentos específicos para garantir a aprendizagem dos estudantes, como *hotsites*, guias práticos, teleaulas, planos de estudos tutorados (PET), aplicativo Conexão Escola e Programa Se Liga na Educação (Minas Gerais, 2020). Todavia, segundo Lima *et al.* (2022), essa política colocou em voga algumas especificidades na medida em que, para a sua efetivação, supunha o uso de tecnologias e da internet, recursos disponíveis apenas em 79,3% dos domicílios do estado de Minas Gerais:

(...) o acesso à internet e a posse de TDICs funcionam como um mecanismo reprodutor das desigualdades, especialmente as educacionais, pois os alunos que não têm acesso a esses recursos possivelmente são aqueles que têm um desempenho aquém do esperado no contexto educacional, mesmo antes da pandemia. Nesse sentido, o REANP, enquanto política que pretende garantir o acesso à educação através das tecnologias digitais, oferece o risco de levar ao agravamento das desigualdades educacionais e sociais prevalentes no país. (Lima et al., 2022, p. 16-17)

Além do aprendizado referente aos conteúdos curriculares, cabe destacar aquilo que a escola oferece relativo ao encontro com o outro, essencial para a constituição subjetiva do público desta pesquisa. Foram nessas circunstâncias que indagamos: Como os alunos lidaram com a ausência da escola nesse contexto, considerando-se que esse espaço se constitui, para muitos, como o mais relevante local de socialização e interação, de encontro entre pares, onde o adolescente pode expressar a sua subjetividade?

Tendo como referência tais considerações, este artigo, resultado de uma pesquisa de Mestrado, pretende analisar as transformações e desafios que os alunos adolescentes enfrentaram no contexto da pandemia. A investigação possibilitou examinar as (im)possibilidades que esse tempo demandou dos sujeitos face às rápidas mudanças ocasionadas na estrutura da sociedade em decorrência da covid-19 e, em especial, a necessidade do distanciamento social. Permitiu destacar, ainda, os efeitos provocados pela falta do convívio entre os estudantes no espaço escolar e dos encontros que este espaço permite, fatores que se mostram fundamentais para a travessia adolescente.

Para desenvolver o tema, valemo-nos do arcabouço teórico da Psicanálise em interface com a Educação como forma de fundamentação teórica e metodológica, a fim de discutir e compreender os assuntos relacionados à trajetória dos sujeitos, suas subjetividades e seus processos constitutivos. Tendo essa interface como referência, o trabalho de campo compreendeu a realização de quatro encontros virtuais com um grupo de adolescentes, estudantes de escolas públicas da cidade de Belo Horizonte (Minas Gerais), os quais puderam falar de questões relacionadas ao momento que viviam. Para tanto, partimos do princípio, descrito por Couto (2012), segundo o qual é a oferta da escuta e da palavra ao sujeito que permite que ele próprio possa nomear as suas dificuldades e dizer sobre seus conflitos, o que possibilitará a tessitura da sua construção particular e a elaboração dos seus significantes.

O artigo aborda a adolescência a partir das contribuições da Psicanálise, articulando-a ao campo da Educação.

2 A ADOLESCÊNCIA COMO UM “TEMPO DO SUJEITO”

Apesar de a adolescência não ser um conceito restrito à Psicanálise, configura-se como um tema de relevância para esse campo. Como nos informam Viola e Vorcaro (2013, p. 461), “[...] ainda que não trate da adolescência em diversos momentos de sua obra, Freud aborda a puberdade, evento que faz o sujeito adollescere.”

Nesse sentido, apoiados nos estudos de Ferrão e Poli (2014, p. 49), tomamos a adolescência como um *tempo do sujeito*, entendendo que cada sujeito adolescente possui uma forma específica de se arranjar psiquicamente durante a transição da infância para a vida adulta, processo que se produz em um contexto societário. No capítulo do seu livro, intitulado *A mais delicada das transições*, Lacadée (2011) descreve os impasses e os sentimentos que perpassam esse período, citando a elaboração do luto diante da perda dos pais da infância e do corpo infantil, a invasão de um novo corpo em decorrência de “outro corpo arrebetado” (p. 27), o encontro do sujeito com o desejo sexual e suas escolhas objetais, o que pode complexificar, ainda mais, esta passagem.

Ao entender a adolescência como um momento em que se opera uma mudança na vida do sujeito, entra em cena um novo corpo derivado da puberdade, que traz consigo uma desconexão entre seu ser infantil, objeto de desejo do Outro, para se conectar a um novo ser desejante, movido pela reedição do Édipo, pela falta gerada pela perda do corpo infantil, que buscará, constantemente, suas próprias formas de gozo. Portanto, trata-se de uma nova experiência do sujeito com as transformações do seu corpo, marca da puberdade.

No emaranhado de questões que surgem em decorrência do encontro com o real da sexualidade e das transformações corporais provocadas pela puberdade, o sujeito lança-se à cena social em busca de respostas que apaziguem uma angústia vivenciada frente ao sentimento de desamparo, ocasionado pela perda daquilo que foi estruturado no tempo da infância. Nesta conjuntura, os amigos, os grupos, os ídolos, dentre outras figuras externas ao grupo familiar, constituem-se como fundamentais durante a travessia do adolescente à vida adulta, uma vez que funcionam como um ponto de referência,

ancoragem e pertencimento para que o sujeito possa dividir os impasses desta delicada transição e construir sua identidade, favorecendo a sua inserção no laço social (Lesourd, 2004).

Tal processo foi dificultado no tempo da pandemia, em decorrência do distanciamento e do isolamento social exigidos como uma das medidas de proteção contra a covid-19, sobretudo para aqueles que se encontravam excluídos do ponto de vista socioeconômico e que, durante aquele momento, estavam à margem também da possibilidade de uso contínuo das redes sociais, devido às dificuldades de acesso.

Em consonância ao pensamento de Lesourd (2004), podemos constatar o quanto os espaços sociais são essenciais para os adolescentes expressarem as idiossincrasias que enfrentam neste tempo. Coutinho (2015) adverte que "[...] o trabalho de subjetivação da adolescência depende das experiências do jovem no espaço público, o que reforça a importância do espaço escolar como uma de suas possíveis realizações" (p. 166).

A escola aparece, neste aspecto, como um território que permite o encontro com o Outro, com o pequeno outro (semelhante) e consigo, não tendo, muitas vezes, outra razão de existir, para o adolescente, a não ser como lugar "[...] onde o sujeito se apresenta no estar presente, no estar visível e onde ele espera ser interpelado pelos adultos que estão ali" (Lesourd, 2004, p. 190).

Em seu texto breve sobre o suicídio, Freud (1910/2013) ressalta que a escola deve ser um local onde o aluno adolescente encontre um apoio em sua travessia, ainda mais por se tratar de um tempo em que há um afrouxamento dos laços com a família, decorrente da necessidade simbólica do desligamento dos pais da infância para poder ir ao encontro do seu objeto sexual, momento específico da sua própria constituição psíquica. Freud (1910/2013) avalia, ainda, que a escola deve acolher estes sujeitos, mesmo eles sendo imaturos e estando em um momento permeado de conflitos, como ocorre na adolescência. Pires e Gurski (2017, p. 17), sustentando este pensamento, descrevem que "[...] a escola deveria dar espaço e tempo aos jovens para que pudessem usufruir de sua passagem pela infância e pela adolescência, demorando-se nessas vivências tanto quanto se fizesse necessário." Ou, conforme nos explica Oliveira (2014):

A escola tem o seu papel de destaque na formação do adolescente: inserir esse sujeito no mundo social, mostrar que o mundo é muito maior do que parece e

que os conflitos e obstáculos que surgem na vida servem como possibilidades para a construção de novos caminhos. É um espaço para pensar, para criar e para humanizar o indivíduo. (Oliveira, 2014, p. 37)

A falta de acesso a esse espaço social durante a pandemia foi algo imposto a milhões de jovens, e envolveu aspectos que superavam as questões referentes à aprendizagem. Apoiados em tais pensamentos e frente à constatação da importância da escola na travessia adolescente, buscamos escutar um grupo de sujeitos adolescentes a fim de compreendermos, a partir de suas experiências, os efeitos gerados pelo atravessamento da pandemia neste momento de transição.

À luz destas considerações, passaremos a abordar a metodologia empregada para a realização do trabalho e, em seguida, a análise dos dados gerados.

3 METODOLOGIA

Este artigo refere-se a uma pesquisa alicerçada, do ponto de vista metodológico, no campo das investigações de ordem qualitativa, e tem como referência o arcabouço teórico da Psicanálise, para lançar luz sobre os impactos da pandemia na travessia adolescente. Para tanto, apoiamo-nos nas recomendações de Rosa e Domingues (2010), ao sublinhar que o pesquisador deve se atentar às condições históricas e sociais do fenômeno que será estudado, bem como, da delimitação do campo, entendendo em qual parte a Psicanálise pode deixar a sua contribuição. Além disso, como descreve Pereira (2017, p. 11) “[...] é importante confrontar a Psicanálise com outros saberes e outras experiências. Temos, assim, de levá-la à cidade, ao vínculo social e ao debate de muitos.”

À vista disso, buscou-se por procedimentos metodológicos que se alinhassem à teoria psicanalítica, na intenção de apreender os impactos do distanciamento social impostos pela pandemia, especialmente no que se refere à escola, junto a um grupo de adolescentes que se encontrava diretamente impactado por esse contexto.

O grupo pesquisado foi constituído, inicialmente, por cinco adolescentes. Contudo, apenas quatro permaneceram na pesquisa e se nomearam, de modo fictício, como Iara, Joca, Valdo e Fabíola. Os adolescentes se encontravam na faixa etária entre 13 e 17 anos, matriculados em três diferentes escolas públicas da cidade de Belo Horizonte. Logo, buscava-se traçar um panorama sobre os efeitos

provocados pela pandemia na passagem adolescente, tendo em vista o fechamento das escolas.

Pelo fato de as ferramentas e os aplicativos tecnológicos estarem em evidência e a sua utilização ter ganhado força no tempo da pandemia, a pesquisa apostou na conversa virtual como um espaço aberto de fala, muito comum entre os sujeitos adolescentes. Um espaço que "[...] aposta na palavra como possibilidade de criação, invenção, elaboração, produção de saber" (Penna, 2016, p. 67).

As conversas virtuais seguiram as premissas das rodas de conversas, mesmo que cada um se alocasse a partir da sua tela virtual. A escolha por esse procedimento baseou-se, principalmente, "por sua característica de permitir que os participantes expressassem, concomitantemente, suas impressões, conceitos, opiniões e concepções sobre o tema proposto, além de permitir trabalhar, reflexivamente, as manifestações apresentadas pelo grupo", como descreve Henares de Melo e Cruz (2014, p. 32). Ademais, nas rodas de conversa, a coleta de dados pode ocorrer a partir das interações do pesquisador com os participantes da pesquisa, tendo o foco nas discussões e debates propostos, produzindo os dados qualitativos, já que se trata das falas e discursos dos participantes (Henares de Melo e Cruz, 2014).

Duas questões referenciaram o processo de pesquisa: *Quais as implicações desse tempo de pandemia na travessia do adolescente de escola pública? Como eles têm significado esse processo?* O ponto de partida lançado pelo pesquisador foi uma questão sobre como os adolescentes estavam vivendo durante a pandemia. A partir daí, os temas propostos e debatidos ao longo dos encontros trataram das próprias indagações dos sujeitos surgidas nas conversas, sendo sistematizadas de modo a dialogar com os objetivos desse estudo.

Para tanto, foram realizados cinco encontros no espaço virtual, entre os meses de agosto e novembro de 2020, tendo cada um deles uma duração média de uma hora e meia. Durante a investigação, à medida que os adolescentes expressavam as elaborações, alguns dados eram registrados em diário de campo e, além desse recurso, a investigação contou com o auxílio de um gravador de voz, por meio do qual os encontros foram registrados. Esse recurso foi fundamental, uma vez que permitiu, posteriormente, a transcrição na íntegra dos discursos proferidos pelos adolescentes.

O corpus de análise desta pesquisa foi constituído dos arquivos de

transcrição das conversas e do diário de campo. A teoria psicanalítica foi a nossa escolha de referencial teórico para analisarmos o tema. Este posicionamento pressupõe trabalharmos com a concepção do sujeito do inconsciente – um sujeito efeito do discurso, constituído no campo do outro “[...] na e pela linguagem” (Kupfer, 2010, p. 270).

Partindo-se dos apontamentos discutidos, será considerada, a seguir, a análise teórica que se originou na escuta dos adolescentes durante a investigação, em conexão com as referências teóricas trabalhadas, a fim de dialogar com as questões que se evidenciaram durante o desenvolvimento da pesquisa. Vale ressaltar que, durante o processo, os aspectos éticos foram considerados, para garantir, como nos apresentam Silva e Lionço (2018, p. 607), “[...] uma ética de responsabilidade que implique a reflexão sobre os desdobramentos de nossa presença e de nossas ações por meio de pesquisas nas vidas e instituições diante das quais nos propusemos incidir.” Por isso, os documentos e as orientações foram devidamente protocolados e aprovados pelo Comitê de Ética e Pesquisa (COEP).

No tópico a seguir, intitulado *O sujeito em cena, ensina*, analisamos os dados obtidos a partir da escuta dos adolescentes, articulando-os às referências teóricas adotadas. Com isso, buscamos evidenciar os pontos cruciais apresentados pelos próprios adolescentes e tematizados em três subitens, assim designados: *O professor como parte importante da escola*; *A escola como um lugar de formação de grupos* e, por fim, *A falta que a escola faz – “Oh, época boa!”*.

4 O SUJEITO EM CENA, ENSINA- O QUE DISSERAM OS ADOLESCENTES SOBRE A RELAÇÃO ESCOLA, ADOLESCÊNCIA E PANDEMIA

É notável que, ao oferecer um espaço aberto à palavra para que os adolescentes pudessem se posicionar sobre o que quisessem e da forma como se sentissem mais confortáveis, muitas questões e reflexões emergiram. Muitas vezes, durante a passagem pela adolescência, os sujeitos se veem desamparados com relação à procura de referências que os auxiliem em suas travessias à vida adulta, bem como no processo de passagem de um contexto familiar mais restrito para um espaço social mais amplo.

O objetivo da criação deste espaço de diálogo foi aprender como e o que os sujeitos poderiam nos ensinar sobre a experiência adolescente em um tempo de pandemia, a partir das suas vivências e discursos.

Nesse contexto, boa parte dos locais utilizados por eles para interação, socialização, diversão, distração, encontro com os amigos e com referências adultas teve as atividades suspensas, como exigiam as medidas de prevenção contra a covid-19. O espaço de fala possibilita o furo, o mal-entendido, as questões mais delicadas de se colocar, como anunciam Miranda, Vasconcelos e Santiago (2006):

[...] a palavra permite que se olhe mais além dos sentidos comuns: o mal-entendido, o fora-do-sentido, que aparece como detalhe para cada um. É o furo no dizer, como ausência fundamental, também é onde cada um pode se encontrar, onde cada um pode captar algo nas entrelinhas do que diz, onde se articula o real em sua singularidade. (Miranda; Vasconcelos; Santiago, 2006, s/p)

No meio de toda a trama da vivência do adolescer, a escola emergiu nos discursos dos jovens como um dos espaços que mais falta faziam em seus cotidianos, pois carregam inúmeras experiências que, de certa forma, contribuem para que eles possam encontrar um caminho menos tortuoso no decorrer da sua travessia para a vida adulta. Os adolescentes falaram sobre os encontros possibilitados pela escola, as relações coletivas, sobre os conhecimentos transmitidos, a importância de um bom professor, sobre a alimentação, as dores, os sofrimentos, os rumos e caminhos ali apresentados e, apesar de nem tudo serem flores nesse espaço, ainda assim, a escola não deixava de ser desejada por eles. Mas, o que fazer então sem este espaço para frequentar? Esse tema desencadeou conversas sobre um novo modelo adotado em tempos de pandemia, ou seja, o ensino remoto.

O ensino remoto, atravessado pelas tecnologias de comunicação, passou a assumir a responsabilidade de propiciar aos alunos os conteúdos programáticos das disciplinas escolares (Vieira *et al.*, 2020). Todavia, tal metodologia dividiu opiniões. Se, por um lado, autores como Lima *et al.* (2022) e Souza *et al.* (2021) discutem esta configuração de ensino como excludente e como fator de acirramento das desigualdades escolares, outros, como Vieira e Araújo (2021), por outro lado, destacam ter havido uma evolução tecnológica no contexto do ensino remoto que perdurou até o início do ano letivo de 2021, contribuindo para a melhoria e a modernização do espaço escolar no momento em que ocorre o retorno às aulas presenciais.

Contudo, o que os adolescentes da pesquisa demonstraram foi a insatisfação com o modelo remoto, uma vez que não conseguiam entender e aprender o que era proposto, levando-os a fazerem as

atividades de qualquer jeito, sem a transmissão do desejo de saber, como é possível perceber no relato de alguns deles:

Eu acho meio difícil de aprender assim, sabe? Porque você ficando dentro de casa, você não consegue concentrar muito. Aí tem gente em casa, aí te atrapalha. É... Deixa eu pensar aqui... Tem gente em casa, te atrapalha, tem celular, que, pelo menos lá na escola, não podia mexer. Aí, celular vibra, você quer ver o que que é. Eu acho que eu me desconcentro bastante aqui dentro de casa para eu fazer minhas atividades. Acho melhor na escola. (Fabíola)

Muito difícil mesmo ficar sem ir pra escola. Porque assim, com esse negócio de pandemia, eles criaram essas atividades de fazer on-line, em casa, e muitas, já têm muitas acumuladas, porque tem horas que eu fico sem tempo para fazer mesmo. Na verdade, tem horas que eu me culpo, não sei responder todas. (Joca)

Porque não dá para aprender direito, né? Eu não consigo. Eu, lara, por mim, eu não consigo. Sério! Tem muita coisa que eu chuto, coisas que eu não entendo, que eu não acho na internet, aí eu vou lá e chuto. Porque, tipo assim, eles pedem pra gente mandar e-mail. Aí eles demoram para responder e a atividade tem que entregar no dia. (lara)

Como as manifestações demonstraram, os alunos adolescentes expressaram, em seus discursos, as dificuldades com relação ao ensino remoto. Apesar de a efetivação desse sistema ter sido pensada para amenizar e diminuir os efeitos do fechamento das escolas e da ausência do ensino presencial na aprendizagem do aluno, tal como exposto por Lima *et al.* (2022), o que se verificou foi a angústia que ele causou nesses adolescentes, acarretando sentimento de culpa, desorientação, falta de motivação e até desistência, por não estarem correspondendo a um suposto ideal.

É neste sentido que podemos questionar algumas propostas pedagógicas contemporâneas que apostam numa educação majoritariamente mediada pela tecnologia, prescindindo da participação ativa de um professor. Parte-se, não raro, da ideia de que estes jovens, nascidos numa época em que a tecnologia impera, se adaptariam de forma rápida ao ensino remoto – o que não se verificou no contexto da pesquisa. Muito pelo contrário, o que se evidenciou foi justamente a não adaptabilidade dos jovens com relação ao que é proposto na modalidade.

Apesar de cada geração lidar com os objetos e significantes do seu tempo, é preciso destacar aspectos sociais e subjetivos que singularizam esta relação. Apesar de, na atualidade, circular a ideia de que estar conectado é estar enlaçado, é preciso indagar a função

que a internet e as redes sociais têm para cada um.

Ao longo dos encontros, outros temas emergiram na conversa com os adolescentes, e serão citados a seguir.

4.1 O professor como parte inexorável da escola

Outro ponto que chamou a atenção é o quanto a figura do professor se faz importante e necessária nos processos educacionais, a partir dos discursos dos adolescentes, e como eles reconhecem a sua relevância para o aprendizado. Num ponto da conversa, relatam haver professores excelentes e são indagados sobre o que seria isso.

Agora eu fiquei curiosa, o que é um professor excelente? (Pesquisador)
Um professor que te explica, um professor que ajuda você... Igual muitos falaram lá na época, tem professor que atura a gente só para receber. E aí? Muitos falaram isso. Claro, eles estão lá para receber mesmo, mas o que me chama a atenção em um professor é ele demonstrar segurança para o aluno, que vai colocar aquilo na cabeça do aluno. (Valdo)
Ele brincava com todo mundo. Deixava a gente fazer as atividades sossegado. Quando ele tava bem, ele saía brincando com todo mundo, dava pontos pra todo mundo... se a gente tirasse uma nota ruim na prova dele, ele pedia pra gente fazer um trabalho para recuperar a nota. (Joca)

A posição ocupada pelos professores naquele momento de travessia parece marcar um lugar de referência e suporte, como descrevem Grillo e Lima (2020), que pode exercer um papel fundamental para o sujeito adolescente. No entender das autoras:

Isso é afirmado, pois a relação professor-aluno pode ser decisiva para abrir ou para fechar o acesso do jovem ao saber: um professor não ensina conteúdos, mas transmite um saber que o atravessou e o transformou, causando o seu desejo de ensinar. A transmissão do saber é sempre da ordem de um encontro entre o desejo de ensinar e o de aprender. (Grillo; Lima, 2020, p. 9)

Podemos entender, então, que os professores possuem papel significativo na constituição da subjetividade. Freud (1925/1976) considera que o professor deve despertar o interesse do aluno pelo saber, transmitir algo da cultura que possa enlaçar os adolescentes, de modo que possam (quem sabe?) inscrever o desejo. Ou seja, a escola pode oferecer aos adolescentes um apoio, um suporte e uma orientação diante do nada saber, despertado pela puberdade, fomentando condições de inventar-se em direção ao social a ponto de saber lidar com as transformações presentes em suas vidas e proporcionar condições de se (re)inventarem em direção ao social.

Naquele momento de pandemia, para grande parte dos estudantes, a relação entre aluno e professor sofreu um corte, uma interrupção na transmissão do desejo de saber pela via da transferência, uma vez que “[...] na sala de aula, o aluno ocupa o lugar de quem pede, que espera e que acredita que terá uma fome saciada, seu desejo satisfeito, pois vê a sua frente aquele que (supostamente) sabe que é capaz de encher-lhe de saber (Ornellas; Antonino, 2017, p. 292).

A transferência na sala de aula favorece os dois lados da moeda, tornando-se estatuto fundante para que se instale o desejo de aprender e o prazer de ensinar, duas pontas de uma mesma corda. O aluno é, então, aquele que espera do professor algo a mais, ou especificamente, algo da ordem do seu saber, que fomenta indagações, dúvidas e inquietações. (Ornellas; Antonino, 2017, p. 293)

Em tempos de pandemia, com o fechamento das escolas e a implantação do ensino remoto, o lugar de suposto saber que o aluno pode creditar à figura do professor, favorecendo o processo de transferência na relação de ensino aprendizagem, pareceu atravessado por recursos precários de disponibilização de atividades e materiais. Além disso, a modalidade de ensino remoto, ainda que necessária durante aquele período, não pareceu favorecer o enlaçamento e a identificação do sujeito ao outro social, tão importante durante a travessia da adolescência e proporcionado pelo espaço escolar. As conexões foram sendo perdidas; o contato com os amigos, apesar de terem acontecido virtualmente, não se efetivaram e não se mantiveram. Pelo contrário, perderam-se, esvaziaram-se, como abordaremos à frente.

4.2 A escola como um lugar de formação de grupos

Frente à realidade de mudanças próprias da puberdade, o adolescente se vê em um processo de busca por (novos) modelos, para instituir uma identificação que permita um apaziguamento da angústia vivida – o que se relaciona, principalmente, com o “desligamento” dos pais da infância. É a partir de novas identificações que o adolescente vai constituindo sua identidade e se inserindo no laço social. Neste contexto, os amigos, os grupos e, até mesmo, os ídolos podem exercer papel fundamental neste caminho. Como afirma Miranda (2001):

A busca obstinada pelo grupo configura-se a partir do momento em que o jovem se vê ameaçado pela figura de autoridade dos pais, dos professores e da sociedade, que lhe cobram posturas, compromissos e responsabilidades. As cobranças assumem um caráter persecutório, na

medida em que, cobrados a se posicionar, os jovens terão de se perguntar sobre si mesmos, sobre seu desejo. Esta não é uma proposta fácil para o ser humano, ainda mais para os adolescentes, que vivem tantas transformações. (Miranda, 2001, p. 199)

O grupo, nesta situação, assume papel importante na vida do adolescente. Ligados por um elo em comum, os participantes veem, no outro, alguém em quem podem confiar, dialogar e dividir os impasses e as experiências deste tempo, favorecendo a identificação, a construção da sua identidade e a travessia para a vida adulta. Além disso, o grupo ajuda o adolescente a efetuar e a elaborar o distanciamento das figuras parentais, importante para a sua constituição psíquica (Moretto, 2013).

O espaço escolar, por sua vez, aparece nos discursos dos adolescentes como um lugar que permite a criação e o estabelecimentos de laços, que são necessários durante a travessia à vida adulta e que, segundo a psicanalista Sara Cohen (2020), em entrevista concedida ao jornal argentino *Página 12*, no dia 27 de abril de 2021, promovem um movimento fundamental para o adolescente, uma vez que permitem encontrar, neste outro, uma âncora em meio ao seu processo de subjetivação. Nos nossos espaços de diálogo, os adolescentes expressaram alguns elementos importantes nesse sentido, focalizando a formação e a posição que o sujeito se coloca no grupo:

Como que é esta questão do grupo pra vocês? (Pesquisador)

Questão de uma amizade, mais fácil de dialogar... Questão de se encaixar, na verdade. A gente usa muito a questão de se encaixar no grupo. Que aí um grupo que tiver encaixado todo mundo tem a mesma mente, as mesmas zoeiras, todo mundo ri, quando é pra rir, todo mundo fica triste, quando é pra ficar triste. E um grupo novo você não consegue essas coisas, porque é pensamento diferente. Até adaptar demora... (Valdo)

No grupo, se um fica triste, o outro fica triste. Se um fica alegre, o outro fica alegre. Como é isso? (Pesquisador)

Ah, bom, tipo assim, nem todo mundo tem o mesmo sentimento né!? Às vezes, pode ter alguém que está passando por dificuldade e, pelo fato de já ter um grupo, a pessoa não tem vergonha, tipo, de falar, entendeu? O que tá sentindo... Aí acaba contando para os amigos, se sente à vontade. E assim, vai desabafando. (Valdo)

Na adolescência, os laços horizontais entre pares parecem assumir uma posição essencial para se fazer o atravessamento até a idade adulta. Com o distanciamento das figuras parentais, necessário para a operação psíquica do adolescente, bem como a perda de referências da infância, os sujeitos podem recorrer às suas formações grupais como um ponto de apoio no enfrentamento dos temores e conflitos

que surgem ao longo deste período. Além disso, o compartilhamento de experiências permite a emergência de outros olhares com relação ao mundo no qual se está inserido e permite o estabelecimento de amarrações diante das crises que atravessam esta delicada transição.

Todavia, as conexões, os encontros que o espaço físico escolar pode favorecer, ficaram suspensos durante a pandemia e o distanciamento social imposto como medida de prevenção da covid-19. Ao mesmo tempo em que surgiram novos modelos de conexões nas redes virtuais, sentiu-se a falta da presença física, do toque, do corpo, das brincadeiras, dos sorrisos, do falar, etc. Ou seja, tudo o que até então era rotina cotidiana, repentinamente, transformou-se de forma drástica.

Joca destaca que, de vez em quando, se encontrava com seus amigos durante o período da pandemia, brincavam na rua, jogavam conversa fora, mas não era sempre que isso acontecia, nem com todos os seus amigos, por conta da necessidade de isolamento social, e pelo fato de morarem longe uns dos outros. Segundo ele, as interações com seus amigos vinham ocorrendo via internet, porém não era a mesma coisa. As interações eram diferentes e ele sentia muita falta de frequentar a escola justamente pelo fato de que este ambiente permitia o encontro pelo menos quatro vezes na semana (*já que alguns sempre faltam*) e uma maior fluidez nas conversas – o que não acontecia no mundo virtual.

Assim, quando era na escola a gente conversava todo dia, a gente brincava todo dia, e nesse meio de quarentena que a gente só se vê, só conversa por mensagem, não é a mesma coisa, porque tem horas que a conversa acaba, aí você fica sem ter o que falar né!? Aí você só vai chamar a pessoa no dia seguinte... E olha lá se tem assunto, né? (Joca)

A pandemia marcou um momento de incertezas que provocou inúmeros sentimentos difíceis de lidar, como registram os participantes da pesquisa. Como será no futuro? Como ficarão as relações após esta experiência traumática em que a "*conversa não flui*", em que as brincadeiras não conseguiram se manter a longo prazo? Como fluirão os sentimentos? O tempo do isolamento social alterou o cotidiano dos adolescentes e introduziu outras vivências, imprimindo as particularidades desse momento na organização intrapsíquica dos sujeitos, e destacando a falta e as lembranças do vivido, como discutiremos no próximo item.

4.3 A falta que a escola faz - "Oh, época boa!"

Em meio às inúmeras mazelas descortinadas pela pandemia na estrutura social, os adolescentes nos evidenciaram a grande importância que a escola exerce na constituição subjetiva dos que por ali percorrem o seu trajeto, bem como a falta que ela faz. Falta sentida, muitas vezes, quando a impossibilidade da presença se coloca e é recordada com as boas lembranças que sustentam um desejo de retorno a uma "época boa", como nomeado pelos participantes da pesquisa.

[...] ela faz falta, porque já é mais uma distração, né!? Sem ela, eu me sinto totalmente estranho, eu me sinto estranho demais. Eu não fico normal. Até agora... Parece que eu desconecto do mundo, assim, oh, parece que... poxa, assim, e eu não sei mais nada. Aí é um fato muito ruim. (Valdo)

Porque a gente via as mesmas pessoas todos os dias, né!? Os mesmos amigos, os mesmos professores. Aí, num dia, a gente parou de ver todo mundo e uma hora a gente fica meio triste, dá saudade daquilo. (Iara)

Ficamos sem rumo. (Joca)

Ô Joca, quando você falou aí que estava sem rumo, eu fiquei pensando qual é o rumo que a escola dá? (Pesquisador)

O rumo que talvez leve à nossa decisão do que nós queremos ser, com o que trabalhar quando crescer. Nossa carreira profissional, né!? Porque na escola a gente estuda para saber qual lugar que nós vamos, né?! Se nós vamos para o caminho certo ou se nós vamos para o caminho errado. Porque tem muitos que escolhem o caminho errado, mesmo sabendo de tudo o que pode acontecer. É isso, é isso que eu acho. (Joca)

Tem mais rumos lá na escola? (Pesquisador)

Tem muitos. Tipo assim, a escola já te prepara para ser o profissional, né!? Desde cedo, ela já tá te preparando pra ser profissional. Aí, 3º ano, muita gente ainda forma e não sabe o que quer ser. Não sabe o que seguir, muita gente. Aí tipo assim, no meu caso, desde o 9º ano que eu tô com essa ideia na cabeça e não vou querer trocar nunca. Que, tipo assim, eu já sei o que eu quero ser, comecei a ver isso semana passada lá na minha empresa, planejando meu futuro já. E agora, partiu estudar para ser polícia. (Joca)

Como foi possível perceber, ao longo de toda a investigação, os sujeitos da nossa pesquisa ressaltaram suas experiências escolares e a função da escola como um lugar permeado de possibilidades de se (re)inventarem no tempo da adolescência, ofertando rumos, caminhos, encontros, pertencimento, referências. Como Freud (1925/1976, p. 341) descreveu em seu prefácio à obra de August Aichhorn, *Juventude Desorientada*, o objetivo da educação consiste, segundo ele, em "[...] orientar e assistir as crianças em seu caminho para diante e protegê-las de se extraviarem", ou como esses adolescentes descreveram: introduzir um rumo, um caminho, uma direção.

Os participantes da pesquisa revelaram, a todo o momento, a falta sentida desse espaço, do qual perceberam acessar algo que, de algum modo, os auxiliava na construção de suas próprias respostas para os enigmas que emergem durante a travessia da adolescência. Tal indicação corrobora a ideia da escola como um local que se presentifica na constituição psíquica destes sujeitos.

Você está sentindo falta (*da escola*)? (Pesquisador)

Nossa, e muita! Muita falta. (Iara)

É aquele negócio, né!? Quando você tá na escola, você deseja tá em casa.

Agora que tá em casa, cê deseja ir pra escola. (Joca)

Além das pessoas, de que vocês sentem falta? (Pesquisador)

De alguns professores. (Joca)

A comida. (Valdo)

Nossa, eu lembro da época... (Joca)

Aquele frango era maravilhoso! (Iara)

Era aquela briga nas filas. (Valdo)

É preciso refletir, que, para muitos jovens de camadas sociais populares e periféricas, a escola exerce uma função social muito importante enquanto espaço que lhes concede acesso a direitos fundamentais, como alimentação, cultura, dignidade humana, proteção, segurança, entre outros. Diante disso, é fundamental questionar os efeitos da pandemia para esses sujeitos a longo prazo, no que se refere à falta deste importante espaço de adolecer. Em curto prazo, é possível afirmar que os sentimentos de desamparo, de solidão, de incertezas, de angústias atravessaram esses sujeitos. A partir das conversas com os adolescentes, a escola parece firmar-se como espaço que possibilita a socialização e a interação, e que contribui para a formação subjetiva, podendo proporcioná-los oportunidades para encontrarem recursos capazes de sustentá-los nesta travessia.

5 CONCLUSÃO

As pesquisas da Psicanálise em interface com a Educação têm destacado a relevância da oferta de espaços de diálogo aos sujeitos, no contexto escolar, para falarem de si e dos seus mal-estares. Ao falar, o sujeito pode conseguir ouvir-se, destravar identificações, elaborar e produzir novas saídas capazes de sustentar seu desejo, entretanto, conforme alerta Gurski (2017), embora se considere tal condição como necessária, ainda não é suficiente. Segundo a autora: "Precisamos escutar os sujeitos, colocá-los a falar, sim, mas, entendendo que sempre sua narrativa se faz num registro que está

para além do que ele mesmo sabe sobre si. Esta noção assinala um pequeno giro na concepção do que fazer em nossas intervenções com o "isso" que nos convoca" (Gurski, 2017, p. 222).

Nesta perspectiva, a Psicanálise tem muito a contribuir em tempos de urgência, como no período da pandemia, no qual os sujeitos se viram atravessados por um corte abrupto instaurado em suas relações sociais, em suas rotinas, em suas vidas. Se a Psicanálise caminha com o tempo do sujeito, é necessário e urgente pensar como ela pode se inserir em novos ambientes públicos, principalmente, na escola, posto ser considerada como um lugar significativo para a constituição do laço social. Nossa pesquisa destaca a importância de se ofertar espaços de diálogo, de fala e de escuta na escola e, neste universo, acolher o sofrimento dos adolescentes, os sintomas que emergem e transbordam na contemporaneidade, sem perder o rigor ético e teórico-metodológico de sua função social.

A pesquisa aqui descrita revela como os jovens compreendem a escola como espaço de encontro com o Outro social e o outro semelhante – como os professores e os amigos, além de introduzir perspectivas, referências e rumos para o futuro.

Nesta condição, além das perdas que ocorreram durante a pandemia em termos da aprendizagem dos componentes curriculares, o distanciamento social dificultou o estabelecimento dos laços e de perspectivas, algo que tem relevância na adolescência e que se produz coletivamente, deixando vácuos e gerando sentimentos de vazio. Para alguns, o maior espaço social é a escola, logo, a falta dela suspendeu possibilidades para essa elaboração. Por isso, ao ofertarmos um espaço de escuta para que os adolescentes pudessem dizer desse tempo, e ao analisarmos os seus discursos, foi possível perceber o quanto a escola ainda assume um lugar de destaque na vida deles, pois carrega inúmeras experiências que, de certa forma, contribuem para que possam encontrar um caminho menos tortuoso no decorrer da sua transição à vida adulta.

REFERÊNCIAS

Coutinho, L. G. (2015). O adolescente e a educação no contemporâneo:

o que a psicanálise tem a dizer. *Cadernos de psicanálise*, 37(33), pp. 155-174. http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-62952015000200008&lng=pt&tlng=pt.

Couto, M. P. (2012). *O fracasso escolar e a família: o que a clínica ensina?* Scriptum Livros.

Ferrão, V.S. & Poli, M. C. (2014). Adolescência como tempo do sujeito na psicanálise. *Adolesc. Saude*, 11(2), 48–55. <https://cdn.publisher.gn1.link/adolescenciaesaude.com/pdf/v11n2a07.pdf>

Freud, S. (2013). Introdução e Conclusão de um Debate sobre Suicídio. In S. Freud. *Obras Completas em 20 volumes*. (P. C. Souza, Trad., Vol. 9, 306-307). Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1910)

Freud, S. (1976). Prefácio a Juventude Desorientada, de Aichhorn. In S. Freud. O ego e o ID e outros trabalhos. *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. (J. Salomão, Trad., Vol. XIX, 341-343). Imago. (Trabalho original publicado em 1925)

Grillo, C. d. F. C., & Lima, N. L. (2020). *BROTA – juventude, educação, cultura*. Copiart Gráfica e Editora.

Gurski, R. (2017). Os novos sintomas na educação de adolescentes de hoje: Notas sobre o Saber Fazer com isso. In *Os sintomas na educação de hoje: Que fazemos com “isso”?* (pp. 217-224). Scriptum.

Henares de Melo, M. C., & Cruz, G. D. C. (2014). Roda de Conversa: uma proposta metodológica para a construção de um espaço de diálogo no Ensino Médio. *Imagens Da Educação*, 4(2), 31. <https://doi.org/10.4025/imagenseduc.v4i2.22222>

Instituto Alana & CEPEDISA (2022) *Dossiê Infâncias e covid-19: os impactos da Gestão da pandemia sobre crianças e adolescentes*. <https://alana.org.br/wp-content/uploads/2022/03/DOSSIE-INFANCIAS-E-COVID-19.pdf>.

Kupfer, M. C. M. (2010). O Sujeito na psicanálise e na educação: bases para a educação terapêutica. *Educação & Realidade*, 35(1). <https://seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/view/9371>

Lacadée, P. (2011). *O despertar e o exílio: Ensinaamentos psicanalíticos da*

mais delicada das transições, a adolescência. Contra Capa Livraria.

Lesourd, S. (2004). *A construção adolescente no laço social*. Vozes.

Lima, C. d. C. d., Ramos, M. E. N., & Oliveira, A. L. R. d. (2022). Implementação de uma política educacional no contexto da pandemia de covid-19: O REANP em Minas Gerais. *Educar em Revista*, 38. doi:10.1590/0104-4060.78237

Melo, M. A. F. (2021). Pandemia da Covid-19: efeitos retratados na educação pública brasileira. *Boletim De Conjuntura (BOCA)*, 7(20), 79–97. <https://doi.org/10.5281/zenodo.5194239>

Minas Gerais. Resolução nº 4310, de 2020. (2020). Dispõe sobre as normas para a oferta de Regime Especial de Atividades Não Presenciais, e institui o Regime Especial de Teletrabalho nas Escolas Estaduais da Rede Pública de Educação Básica e de Educação Profissional, em decorrência da pandemia Coronavírus (COVID-19), para cumprimento da carga horária mínima exigida. Belo Horizonte, MG. <https://drive.google.com/file/d/1npzy4Iziai8l7ue5xC7BuavdipMHbgDR/view>

Miranda, M. P. (2001). *Adolescência na Escola - Soltar a corda e segurar a ponta*. Formato Editorial.

Miranda, M. P., Vasconcelos, R. N., & Santiago, A. L. B. (2006). Pesquisa em psicanálise e educação: A conversação como metodologia de pesquisa. *Psicanálise, Educação e Transmissão*. http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?pid=MSC0000000032006000100060&script=sci_arttext

Moretto, C. C. (2013). *Experiência com um grupo de adolescente: Um estudo psicanalítico*. (Tese de Doutorado em Psicologia não publicada). PUC Campinas.

Oliveira, I. G. d. (2014). *A Escola, o sujeito e o sintoma: Uma visão psicanalítica sobre o contexto escolar* (Dissertação de Mestrado Profissional em Psicanálise, Saúde e Sociedade não publicada). Universidade Veiga de Almeida. Rio de Janeiro.

Ornellas, M. d. L. S., & Antonino, E. (2017). Amo em ti mais que tu: Transferência de professor-aluno na constituição do saber. In *Os sintomas na educação de hoje: Que fazemos com “isso”?* (pp. 290-297).

Scriptum.

Página 12 (2020, Abril 27). El Impacto de la Cuarentena em La Adolescência. *Seção Diálogos*. <https://www.pagina12.com.ar/262312-el-impacto-de-la-cuarentena-enlaadolescencia>

Palú, J. (2020). A crise do capitalismo, a pandemia e a educação pública brasileira: Reflexões e percepções. In *Desafios da educação em tempos de pandemia* (pp. 87-106). Ilustração.

Penna, O. F. E. (2016). *Adolescência e laço social: Escutando adolescentes na escola* (Dissertação de Mestrado em Educação não publicada). Universidade Federal de Ouro Preto. Ouro Preto.

Pereira, M. R. (2017). Psicanálise, educação e sintoma: Uma introdução. In *Os sintomas na educação de hoje: Que fazemos com “isso”?* (pp. 07-11). Scriptum.

Pires, L. P. , & Gurski, R. (2018). Uma leitura particular das conexões de Freud com a Educação. *APRENDER - Caderno De Filosofia E Psicologia Da Educação*, (17). <https://doi.org/10.22481/aprender.v0i17.2995>

Rosa, M. D., & Domingues, E. (2010). O método na pesquisa psicanalítica de fenômenos sociais e políticos: a utilização da entrevista e da observação. *Psicologia & Sociedade*, 22(1), pp. 180-188. doi:10.1590/s0102-71822010000100021

Silva, É. Q., & Lionço, T. (2018). Cuidados éticos na pesquisa social: entre normas e reflexões críticas. *Amazonica - Revista de Antropologia*, 10(2), 588. doi:10.18542/amazonica.v10i2.6519

Souza, A. d. S., Barros, C. C. A., Dutra, F. D., Gusmão, R. S. C., & Cardoso, B. L. C. (2021). Precarização do trabalho docente: reflexões em tempos de pandemia e pós pandemia. *Ensino em Perspectivas*, 2(2), pp. 1-13. <https://revistas.uece.br/index.php/ensinoemperspectivas/article/view/4975/42>

Todos Pela Educação. (2020). *Ensino à distância na educação básica frente à pandemia da covid-19*. https://www.todospelaeducacao.org.br/_uploads/_posts/425.pdf

Vieira, A. C., & Araújo, M. E. d. (2021). Como o estado de Minas Gerais está trabalhando para alcançar o objetivo “Educação de Qualidade”,

no contexto da pandemia de covid-19. *Educação sem Distância*, 1(4), pp. 1-11. <https://educacao sem distancia.unyleya.edu.br/esd/article/view/119>

Vieira, K. M., Postiglioni, G. F., Donaduzzi, G., Porto, C. dos S., & Klein, L. L. (2020). Vida de Estudante Durante a Pandemia: Isolamento Social, Ensino Remoto e Satisfação com a Vida. *EaD Em Foco*, 10(3). <https://doi.org/10.18264/eadf.v10i3.1147>

Viola, D. T. D., & Vorcaro, A. M. R. (2013). Latência, adolescência e saber. *Estilos da Clínica*, 18(3), 461-476. http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-71282013000300002&lng=pt&tlng=pt.